

DOI: 10.46943/X.CIEH.2023.01.093

A ARQUEOLOGIA E O ENVELHECIMENTO: ASPECTOS TEÓRICOS EMERGENTES

Raquel Roldan Mastrorosa¹

Sérgio Francisco Serafim Monteiro da Silva²

RESUMO

Este artigo aborda a relação entre envelhecimento e Arqueologia, explorando como a análise de remanescentes humanos e vestígios arqueológicos podem fornecer *insights* valiosos sobre as experiências e cuidados dos indivíduos envelhecidos em sociedades antigas. O envelhecimento é um fenômeno universal, porém pouco compreendido em contextos passados devido às limitações dos vestígios arqueológicos. A Arqueologia oferece uma janela única para investigar como diferentes culturas percebiam, cuidavam e integravam os envelhecidos. Através da análise de sepulturas, padrões de atividade, dieta e evidências de doenças, os arqueólogos podem inferir a idade das pessoas no momento da morte, identificar padrões de mobilidade, trabalho e interações sociais de indivíduos envelhecidos. Além disso, as pesquisas biológicas sobre o processo de envelhecimento nos oferecem novas perspectivas sobre as vivências dos seres humanos ao longo da história. O artigo discute como a Arqueologia do Envelhecimento tem desafiado estereótipos modernos sobre o envelhecimento, mostrando as múltiplas possibilidades de envelhecer nos contextos históricos e pré-históricos, considerando o cuidado por parte do grupo. No entanto, também revela casos de possíveis cuidados limitados ou evidências de marginalização. Esta pesquisa tem como objetivo apresentar uma compreensão mais

1 Doutoranda do Curso de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, raquel.mastrorosa@ufpe.br;

2 Professor orientador: Doutor em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, sergio.serafim@ufpe.br;

aprofundada da diversidade de abordagens sobre o envelhecimento, bem como fornecer informações sobre as perspectivas atuais sobre o envelhecimento e os cuidados com os idosos.

Palavras-chave: Arqueologia, Arqueologia do Envelhecimento, Envelhecidos.

INTRODUÇÃO

Estudar o envelhecimento no passado é uma jornada fascinante que nos permite compreender melhor como as sociedades e as culturas lidaram com o processo de envelhecimento ao longo do tempo. A busca por entender como as pessoas envelheciam, eram tratadas e contribuíam para suas comunidades ao longo da história oferece *insights* valiosos sobre a evolução das atitudes, crenças e práticas relacionadas aos indivíduos envelhecidos. Paralelamente, obtemos informações sobre como as alterações fisiológicas do envelhecimento mudaram durante nossa história evolutiva.

Muito se especula que, nas civilizações antigas, a senescência³ muitas vezes era reverenciada, vista como um estágio da vida repleto de sabedoria e experiência acumulada. Os envelhecidos frequentemente ocupavam papéis de liderança e aconselhamento, influenciando as decisões políticas, sociais e familiares⁴ (Minois, 1987). Por outro lado, em algumas culturas, a velhice também podia ser associada à fragilidade e dependência, o que gerava desafios específicos para a garantia do bem-estar dos mais velhos⁵, até mesmo na morte (Beauvoir, 2018).

Ao analisar documentos históricos, artefatos e registros vestigiais, é possível perceber como a expectativa de vida, a longevidade, as condições de vida e os cuidados disponíveis variavam significativamente em

3 Fase associada ao processo natural do envelhecimento, o qual compromete progressivamente aspectos físicos e cognitivos, podendo ser associado – não generalizadamente – a identidade de velhice nas mais diversas sociedades.

4 Ainda que existissem muitos velhos nas *poleis* gregas os indivíduos mais velhos eram marginalizados, quando não escravizados, assassinados ou acometidos de suicídio voluntário. George Minois (1987) retrata que foi durante o Império Romano que os indivíduos mais velhos ganharam prestígios e destaque político na Antiguidade Clássica Ocidental, principalmente após a instituição das *Pater Familias* a partir do século IV. Paralelamente, a evolução de destaque também se estende à instância política.

5 Simone Beauvoir (2018) apresenta através de dados etnológicos diversos exemplos de sociedades que violentavam seus velhos, a exemplo dos iacutos (Sibéria), ainos (Japão) e sirionos (Bolívia) que eram abandonados com fome por seus respectivos grupos, que não ofereciam comida, tratamento ou cuidados necessários durante a senescência quando não eram brutalmente assassinados.

diferentes épocas e lugares (Minois, 1987). Algumas sociedades possuíam estruturas de apoio robustas para os idosos, enquanto outras enfrentavam dificuldades em fornecer os recursos necessários. Estudar o passado nos ajuda a contextualizar e comparar essas abordagens, refletindo sobre como as visões sobre envelhecimento podem ter sido influenciadas por fatores como ambiente, economia e estruturas socioculturais.

Todavia, ainda que o envelhecimento seja um fenômeno amplamente difundido e observável na história da humanidade, estudá-lo no passado se torna uma tarefa árdua. Do ponto de vista biológico, estabelecer parâmetros comparativos é um desafio se considerarmos a complexabilidade das influências intrínsecas⁶ e extrínsecas⁷ que afetam diretamente o processo de envelhecer. O fenômeno é, pois, extremamente volátil e subjetivo quando analisado de maneira estritamente científica a depender da amostra em questão (Mastrososa, 2021). Não obstante, compreender as relações e percepções da velhice no passado também é desafiador. Pois, estabelecer parâmetros comparativos e formular conceitos que atendam as imprescindibilidades conjunturais de um determinado período pode ser restringido por limitações vestigiais (Appleby, 2010; Gowland, 2015).

A reflexão sobre o envelhecimento no passado através de narrativas arqueológicas é recente. A Arqueologia vem explorando como a análise de remanescentes humanos e vestígios arqueológicos podem fornecer compreensões valiosas sobre as experiências e cuidados dos indivíduos envelhecidos em sociedades antigas. No entanto, esta disciplina enfrenta alguns desafios à medida que se desenvolve.

Um dos principais problemas reside nas limitações das fontes materiais tangíveis relacionadas ao envelhecimento, tendo em vista os problemas metodológicos de identificação e classificação que tornam

6 Influências intrínsecas do envelhecimento podem ser considerados: metabolismo, síntese proteica, atividades enzimáticas, função mitocondrial, estimulação neural, estresse oxidativo e alterações endócrinas.

7 Influências extrínsecas do envelhecimento: má nutrição, atividade física e ocupacional, atrofia por desuso, doenças, traumatismos e uso de drogas.

esses indivíduos invisibilizados nos contextos arqueológicos. Além disso, a falta de uma estrutura teórica consolidada e a dificuldade em acessar experiências pessoais e subjetivas dos envelhecidos representam obstáculos para os arqueólogos que pesquisam sobre o envelhecimento, afetando diretamente as interpretações arqueológicas sobre o fenômeno.

Em vista disso, um dos questionamentos possíveis seria de como podemos compreender sobre o envelhecimento humano, suas relações socioculturais e biológicas, através das narrativas arqueológicas. Esse artigo tem como objetivo apresentar uma compreensão mais aprofundada da diversidade de abordagens sobre o envelhecimento, bem como fornecer informações sobre as perspectivas atuais sobre o envelhecimento e os cuidados com os idosos.

O ENVELHECIMENTO NA ARQUEOLOGIA

Existem alguns caminhos dentro das ciências arqueológicas que nos levam a compreender o envelhecimento no passado, precipuamente num passado longínquo como o da Pré-história. Sendo o envelhecimento um fenômeno complexo que alcança as instâncias biológicas e socioculturais, encontramos nessas duas principais abordagens formas de entender e pesquisar o envelhecimento. Sendo a primeira restrita ao fenômeno biológico e a segunda através das possíveis identidades e representações sociais da velhice no passado.

OS DADOS DA OSTEOARQUEOLOGIA

Podemos acessar as informações sobre o envelhecimento biológico no passado através, sobretudo, de análises feitas nos remanescentes humanos. A Osteoarqueologia⁸ é a principal disciplina arqueológica que dá subsídio teórico-metodológico para as análises de identificação dos indivíduos envelhecidos. Com a elaboração de um

8 A osteoarqueologia é uma área disciplinar da Arqueologia que trata do estudo dos ossos em encontrados em sítios arqueológicos.

perfil bioantropológico podemos estimar a idade à morte, patologias predispostas da senescência e da senilidade⁹, marcadores de violência e alterações fisiológicas e degenerativas do envelhecimento (Appleby, 2017; Gowland, 2015; Mastroso, 2021).

Por meio desses dados, podemos inferir sobre o envelhecimento de maneira individual (descritiva) e entender como um determinado indivíduo envelheceu através das alterações fisiológicas¹⁰ e degenerativas¹¹. De igual forma, podemos compreender se as doenças predispostas da senescência e síndromes geriátricas¹² identificadas na contemporaneidade também se faziam presentes nos mais diversos contextos da história da humanidade (De Moraes et al., 2010). Indubitavelmente, esses dados individuais dão aporte para a compreensão longitudinal (quantitativa) do envelhecimento, pautado nas semelhanças e diferenças (Arking, 2008).

Não obstante, a percepção do envelhecimento biológico para além da estimativa de idade à morte, considerando as alterações fisiológicas, nos leva a perceber o processo de envelhecer e não um mero resultado de idade. Dessa forma, ao analisarmos o fenômeno como um todo, podemos estabelecer relações entre dados intra e inter sítios para investigar como o envelhecimento foi experimentado e vivido pelos indivíduos do passado, bem como analisar contextos ambientais, culturais e temporais variados (Appleby, 2011; Cave; Oxenham, 2017; Fahlander, 2013; Mastroso, 2022). Contrastando as mudanças e as marcas do

9 Senilidade é uma fase caracterizada por modificações determinadas por afecções que frequentemente acometem a pessoa idosa, precedendo a morte.

10 Aqui compreendemos essas alterações como remodelações ósseas relacionadas à perda de massa óssea e compensação por esforço ou postura.

11 Trata-se de alterações articulares como a osteoartrite ou a osteoporose que não são categorizadas como patologias por se tratarem de um desgaste normal condicionado ao envelhecimento.

12 As síndromes geriátricas podem ser definidas como um conjunto de fatores e sintomas que ocorrem com mais frequência na população envelhecida, entre elas estão: iatrogenia, incontinência urinária e fecal, instabilidades (quedas), imobilidade, insuficiência cerebral e insuficiência familiar e/ou social.

envelhecimento na história da humanidade e sua variação de acordo com os modos de vida.

Não menos importante, tratando-se de indivíduos envelhecidos e das diversas possibilidades contextuais, também é possível trabalharmos o envelhecimento com dados sociobiológicos de violência e cuidado. Assim como na contemporaneidade, é sabido que em diversas sociedades do passado os indivíduos mais velhos eram violentados por seus pares, por serem mais vulneráveis e dependentes (Beauvoir, 2018; Gowland, 2015; Mastroso, Silva, 2022).

Esses dados biológicos podem nos fornecer informações sobre a adaptabilidade do ser humano ao meio, considerando as condições favoráveis de meios de subsistência para tamanha longevidade. De igual forma, sobre as experiências individuais do envelhecimento e dos contextos sociobiológicos que estes indivíduos estavam inseridos.

Contudo, existem algumas limitações e problemáticas relacionadas à identificação desses indivíduos e da elaboração desses dados. O processo de identificação desses indivíduos nos contextos arqueológicos acaba se limitando quando utilizado somente de dados relacionados a estimativa de idade à morte devido a imprecisão das técnicas relacionadas ao próprio fator de envelhecimento (Cave; Oxenham, 2014; Gowland; Thompson, 2013; Mastroso, 2021). Como se não bastasse, para além do problema das técnicas, a área disciplinar enfrenta um problema de classificação etária que varia entre manuais, pesquisadores e técnicas sem apresentar um critério comum ou discussão, culminando em produções massivas de dados que não poderão ser comparados a posteriori se não revistos (Falys; Lewis, 2011).

OS DADOS DA PALEODEMOGRAFIA

Através da Paleodemografia, que utiliza como base os dados biológicos produzidos pela Osteoarqueologia ainda temos a possibilidade de analisar o envelhecimento no passado por um outro viés. O estudo do envelhecimento aqui é uma área de pesquisa que se concentra em compreender a distribuição etária das populações humanas em tempos

passados, com um foco particular nas proporções de indivíduos mais velhos (Bocquet-Appel; Masset, 1982; Boldsen et al., 2002).

Os dados paleodemográficos nos permite reconstruir, através de análises estatísticas, as estruturas etárias de sociedades passadas e oferecem *insights* sobre distribuição etária, mortalidade, fertilidade, migração, impacto de eventos históricos, padrões culturais e práticas de cuidados. Essa abordagem contribui para uma compreensão mais completa da demografia histórica e dos padrões de envelhecimento ao longo do tempo (Renfrew; Bahn, 2017).

Através dos dados paleodemográficos, podemos compreender as estruturas etárias das populações antigas, ou seja, como a idade estava distribuída dentro dessas populações. Isso pode revelar informações sobre taxas de natalidade, mortalidade e expectativa de vida em épocas passadas. Para entender sobre o envelhecimento, é necessário que haja discussão sobre a “idade” trabalhada, principalmente ao se tratar de envelhecimento e dos indivíduos envelhecidos, considerando outros fatores predispostos do envelhecimento.

Essas análises estatísticas também podem nos ajudar a entender as condições de vida e saúde em populações antigas, através das curvas de mortalidade. De igual forma, a identificação de movimentos populacionais, como migrações ou deslocamentos, rastreando variações na estrutura etária ao longo do tempo em um determinado local (Boldsen et al., 2002). A existência de indivíduos senis em determinados contextos do passado poderia ser desafiador a depender do modo de vida. A exemplo, para grupos nômades eles poderiam ser considerados como um atraso e até mesmo serem inviabilizados de acompanhar o grupo no deslocamento, sendo deixados para trás à própria sorte.

Em uma determinada região ou sítio de ocupação, por exemplo, o dados paleodemográficos podem fornecer *insights* sobre o impacto de eventos históricos, como epidemias, guerras, mudanças econômicas e culturais, nas populações humanas. A própria curva de expectativa de vida e longevidade são cruciais para compreendemos esses eventos, as mudanças e as permanências (Bocquet-Appel; Masset, 1982).

OS DADOS DA ARQUEOLOGIA FUNERÁRIA

A Arqueologia Funerária é uma disciplina relacionada às “práticas mortuárias, ao corpo humano, ao fenômeno da morte e das respostas humanas a ele” (Silva, 2014, p. 14). É partindo dessa disciplina que são realizados estudos direcionados sobre os possíveis marcadores de identidade coletiva, baseados na materialidade das estruturas funerárias (Castro, 2018). As práticas mortuárias e as (re)construções humanas sobre o corpo morto e sua cova podem se diferenciar por status econômico e social, idade, sexo, função etc., refletindo práticas e concepções culturais específicas de cada grupo e sociedade (Binford, 1971; Silva, 2014). Partindo da premissa de que os “objetos funcionam como significante da diferença e podem ser utilizados para afirmar identidades” (Castro, 2018, p. 333-334).

Desta forma, estudos baseados na identificação desses marcadores, relacionando os dados biológicos (sexo e idade), disposições espaciais e os dados de cultura material (estrutura da cova, acompanhamentos funerários, adornos, disposição e deposição do corpo, etc.), tem riscado à margem da superfície da mentalidade sobre a morte dos grupos pretéritos (Silva, 2014). Mudanças, permanências, ausências ou especificidades na estrutura funerária podem acarretar na identificação desses marcadores identitários (Castro, 2018).

Dito isso, ao considerarmos o envelhecimento nesses contextos mortuários através da análise de pesquisas publicadas, percebemos que os indivíduos envelhecidos não recebem atenção enquanto um gênero não binário¹³: estes são tratados comumente em conjunto com os adultos de igual forma, pois, não são pensadas as problemáticas do envelhecimento perante a degeneração, o cuidado e a morte (Cave; Oxenham, 2014; Mastroso, 2021).

13 Atualmente existem trabalhos relacionados ao estudo de Gênero em Arqueologia Funerária, sendo eles: Binário (Masculino/Feminino) e Não-binário (Arqueologia da Infância).

Esse problema está relacionado com as amplas categorias etárias de idade produzidas pela osteoarqueologia que não compreende o envelhecimento para além de um dado etário. Mingon (1993) afirma que estudos biológicos mais pormenorizados tendem a contribuir com informações mais efetivas sobre modo de vida no passado, a exemplo, em tratamentos mortuário especial de acordo com a categoria etária e sexo. Contudo, é preciso ter em mente que a idade utilizada pelos dados funerários é uma idade social que precisa ser pensada a partir dos dados biológicos.

Em resumo, a Arqueologia Funerária desempenha um papel crucial na nossa compreensão das práticas mortuárias, identidade coletiva e percepções culturais em sociedades do passado. A análise de marcadores identitários com base em dados biológicos e materiais das estruturas funerárias oferece *insights* valiosos sobre como diferentes grupos abordavam a morte e o envelhecimento. No entanto, como evidenciado por pesquisas recentes, a abordagem do envelhecimento ainda carece de uma análise mais aprofundada, muitas vezes agrupando indivíduos mais velhos com adultos sem considerar as complexidades do envelhecimento, da degeneração, do cuidado e da morte. A superação desse problema requer uma abordagem mais precisa, levando em consideração não apenas a idade social, mas também os dados biológicos. Ao fazer isso, a Arqueologia Funerária pode revelar ainda mais sobre a diversidade e complexidade das experiências humanas no passado, oferecendo *insights* valiosos para a compreensão da evolução das sociedades e culturas ao longo do tempo.

OS DADOS DA ARQUEOLOGIA DO CORPO

A Arqueologia do Corpo é uma área disciplinar de pesquisa que se concentra na investigação dos corpos arqueológicos, que podem ser

abordados e estudados através da corporeidade¹⁴, das tecnologias, das representações e das possíveis relações de poder exercidas sobre os mesmos (Meskell, 1996). São corpos fenomenológicos, e neste ponto, considera-se o indivíduo e sua experiência pessoal; que podem ser concebidos como uma dicotomia, umnexo entre a cultura e a biologia, o próprio passado personificado (Sofaer, 2006).

As análises da representatividade e dos estudos sobre o interior (esqueletos/remanescentes ósseos) e o exterior (órgãos/tecidos moles, músculos), são disparidades que não podem ser dissociadas das análises arqueológicas. Entretanto, muitas vezes, não são consideradas em sua dualidade. O corpo-natural se contraposto com o corpo-cultural, reflete, designa um corpo fenomenológico, que sente, experimenta e vivencia o mundo. Podem ser admitidos nessa disciplina como “biotextos”, como cultura material (Barret, 1994; Shanks; Tilley, 1987; Sofaer, 2006). No centro dessas tensões torna-se possível pensar o corpo arqueológico envelhecido, a visão e as expectativas sociais sobre a velhice e o envelhecimento, como também a percepção individual de estar envelhecendo.

O envelhecimento pode ser estudado através da Arqueologia do Corpo por meio das modificações corporais que muitas vezes tendem a negar a idade e os traços de envelhecimento, observadas em grande escala no cotidiano do Egito Antigo e comum também nas práticas contemporâneas. A “manutenção” do corpo envelhecido pode ser exemplificada com o caso de Ramsés II que pintava frequentemente o cabelo de ruivo aos 91 anos reproduzindo a cor de seu cabelo quando era mais novo (Appleby, 2017).

Na cultura Moche, uma análise sobre as vestimentas encontradas nos enterros sugere que os indivíduos envelhecidos apresentavam uma roupa em condições precárias se comparada aos mais jovens. Existem duas hipóteses que responder essa questão, a primeira consiste numa única peça de roupa para cada indivíduo da sociedade e a segunda, que

14 Corporeidade pode ser compreendida como a relação do ser vivo com o mundo através do seu corpo. É como a mente utiliza o corpo para se relacionar com o ambiente.

os indivíduos envelhecidos eram privados de matérias primas para confecções de novas roupas (Donnan, 1997). A privação de objetos também é observada entre os Tupinambás do Rio de Janeiro, retratados por Jean de Lery (1980) que eram privados na velhice de machados, foices e facas por outros integrantes do grupo.

As representações imagéticas dos corpos também podem nos fornecer dados sobre o envelhecimento no passado. Na arte Hohokam, as representações de indivíduos mais velhos são de pessoas curvadas, com corcunda, isso pode ser explicado devido ao fator degenerativo de intensificação da cifose¹⁵ (Haury, 1976). Na antiguidade grega temos a representação dos indivíduos envelhecidos acompanhados de bengalas, imagens de idosas cuidadoras de crianças e de pedagogos, presentificadas em artefatos de uso cotidiano. Para além de representações escultóricas de deidades envelhecidas, como Sileno.

EVIDÊNCIAS ARQUEOLÓGICAS DO ENVELHECIMENTO

A Arqueologia do Envelhecimento é um campo interdisciplinar relativamente novo¹⁶ que se concentra em examinar as experiências, memórias e materialidades associadas ao processo de envelhecimento humano. Um dos principais objetivos da área é desafiar estereótipos negativos associados aos idosos e enriquecer nossa compreensão das múltiplas dimensões do envelhecimento (Appleby, 2010). Ao revisitar as vozes silenciadas dos idosos e examinar as histórias pessoais que muitas vezes são negligenciadas, essa abordagem contribui para uma representação mais precisa e inclusiva da experiência humana.

15 Curvatura da coluna que ocasiona a corcunda

16 O campo disciplinar arqueológico conhecido como Archaeology of Old Age teve início na primeira década do século XXI, com os trabalhos "The Archaeology of Old Age" (WELINDER, 2001) e "Why we need an Archaeology of Old Age, and a suggested approach" (APPLEBY, 2010). Ainda que os indivíduos envelhecidos aparecessem nos dados arqueológicos, foi somente a partir dessas duas principais pesquisas que eles deixaram à margem e passaram a se tornar protagonistas na arqueologia.

A demora para o aparecimento de pesquisas voltadas a essa temática se deu, segundo Jo Appleby (2010, 2017), como reflexo dos nossos problemas sociais contemporâneos relacionados à velhice, tendo em vista que em sociedades ocidentalizadas eles foram marginalizados por muito tempo¹⁷, principalmente nos discursos acadêmicos. De igual forma, a complexabilidade do envelhecimento enquanto fenômeno não é discutida na arqueologia, o que acaba limitando os dados a uma compreensão somente de idade etária (age at death), não sendo suficiente para avanços interpretativos na área (Welinder, 2001). Em paralelo, muitas limitações metodológicas na identificação e classificação dos indivíduos envelhecidos por parte da osteologia (Cave, Oxenham, 2014).

Não obstante, os trabalhos teóricos salientam que as classificações arqueológicas sobre o envelhecimento estão baseados na nossa vivência e organização social contemporânea (Appleby, 2010; Mastroso, 2021). Contudo, como é um processo que inicia após a maturação (aproximadamente 25 anos), indivíduos adultos de todas as idades já podem apresentar os sinais de alteração degenerativa de envelhecimento, o que torna os estudos complexos e de difícil classificação e interpretação.

Jo Appleby (2011) observou, após um estudo de caso em cemitérios pré-históricos na Áustria, um indivíduo cronologicamente jovem que apresentava características marcantes de envelhecimento (50+ anos). O cenário de pessoas cronologicamente jovens, mas que apresentam um envelhecimento biológico avançado, é muito comum no passado e atualmente. Isso implica na imprecisão classificatória dos dados etários, por se tratarem de idades biológicas que serão classificadas como tal. Análises sociais¹⁸ provenientes desses dados deverão considerar que não necessariamente os indivíduos classificados como envelhecidos eram vistos daquela maneira por seus pares.

17 No final da década de 1990 os indivíduos envelhecidos passaram a compor as pesquisas na área de ciências humanas, entretanto, as pesquisas ainda são baixas se comparadas aos outros grupos demográficos. Bauman (2008) salienta que o protagonismo dos indivíduos envelhecidos se deu devido ao acúmulo de capital e poder, eclodindo um mercado consumidor para esse grupo.

18 Por exemplo, a Arqueologia Funerária e Paleodemografia.

Cave e Oxenham (2014), buscaram melhorar os problemas metodológicos e classificatórios do envelhecimento osteológico. Por meio de uma grande amostragem realizaram a seriação dos indivíduos adultos, classificando por níveis de alterações degenerativas esqueléticas. Os pesquisadores conseguiram classificar os indivíduos mais velhos em quatro novas classes, melhorando assim as análises bioculturais dos sepultamentos a posteriori. Os autores criticam a classificação generalista de 50+ anos presente na maioria dos trabalhos arqueológicos.

Trabalhos envolvendo estudos de casos com indivíduos envelhecidos mostraram a importância dessa temática para o desenvolvimento do conhecimento arqueológico, das discussões teóricas e da amplitude que os resultados trazem para novos debates e interpretações. A exemplo, uma pesquisa que refutou a ideia de que os homens viviam mais em relação às mulheres no contexto britânico do período neolítico ao medieval (Cave; Oxenham, 2017).

Em 2017, Cave e Oxenham publicaram uma pesquisa visando avaliar a longevidade de gênero e a diversidade nos tratamentos funerários em cemitérios ingleses do período neolítico ao medieval. Ao reclassificarem os indivíduos mais envelhecidos dos cemitérios Mill Hill, Great Chesterford e Worthy Park, os autores encontraram um número de indivíduos envelhecidos do sexo feminino consideravelmente maior que o masculino, também tratamentos mortuários diferentes em relação aos indivíduos de mesma classificação etária e aos mais novos.

Fahlander (2013) extrapolou as análises relacionais comuns de acompanhamentos funerários com variáveis biológicas, fugindo da classificação de idade à morte e analisando a disposição espacial do cemitério e se havia locais "preferidos" para enterrar os indivíduos mais velhos num cemitério do Neolítico Médio Ajvide (Ilha de Gotland). Como resultado ele apresentou dados interessantes sobre a predileção dos espaços de enterramento e sobre as mudanças do tratamento mortuário com indivíduos mais velhos.

Stig Welinder (2001) apresenta como resultado de sua pesquisa uma variação cultural na maneira que as sociedades pré-históricas viam e tratavam os seus velhos em cemitérios suecos. De igual forma, Appleby

(2011), também identificou mudanças no tratamento funerário e nos significados de velhice em cemitérios austríacos. Como resultado, percebeu que essas mudanças, além de afetar os indivíduos mais envelhecidos, variavam com o status e o com gênero e que os significados de velhice mudaram num mesmo grupo, mesmo que num curto espaço de tempo.

Na América, os trabalhos de Licón, Marfín e Alencar (2018) e Alencar (2019) mostram análises descritivas sobre os indivíduos envelhecidos e os contextos funerários que eles estavam inseridos. Mastrorosa (2021, 2022) apresenta, através de um estudo de caso, como o melhoramento metodológico ao considerar o envelhecimento como um processo para além da estimativa de idade à morte, nos leva a identificação dos indivíduos envelhecidos antes invisibilizados pelas técnicas osteológicas imprecisas.

A Arqueologia do Envelhecimento é um campo crescente que desafia estereótipos e busca entender como as sociedades antigas encaravam o envelhecimento e quem eram os “velhos”. A demora em seu surgimento foi devida a questões sociais e limitações metodológicas, mas pesquisas recentes, como as de Cave, Oxenham e Appleby, estão revelando a complexidade do envelhecimento. Estudos de casos e reclassificação de indivíduos mais velhos estão expandindo nosso conhecimento arqueológico e enriquecendo as discussões teóricas. A Arqueologia do Envelhecimento contribui para uma representação mais completa das experiências humanas ao longo do tempo.

INTERPRETAÇÃO TEÓRICA E IMPLICAÇÕES PARA O PRESENTE

A interpretação teórica das descobertas arqueológicas relacionadas ao envelhecimento tem um potencial significativo para enriquecer nossa compreensão do envelhecimento na sociedade atual. Os dados arqueológicos não apenas lançam luz sobre como as sociedades do passado encaravam e tratavam os indivíduos mais velhos, mas também oferecem valiosas implicações para o presente.

Em primeiro lugar, a Arqueologia do Envelhecimento destaca como as percepções e experiências do envelhecimento podem variar

significativamente ao longo do tempo e em diferentes contextos culturais. Isso nos convida a questionar os estereótipos e as generalizações sobre os idosos na sociedade contemporânea. Ao reconhecer que as atitudes em relação ao envelhecimento são moldadas por fatores culturais e históricos, somos incentivados a adotar uma abordagem mais sensível e inclusiva para lidar com as questões relacionadas ao envelhecimento. Isso é particularmente relevante em um mundo globalizado e diversificado, onde a população está envelhecendo rapidamente.

Além disso, os estudos arqueológicos sobre o envelhecimento destacam a importância da diversidade nas experiências de envelhecimento. As descobertas arqueológicas mostram que as pessoas mais velhas não eram homogêneas em suas experiências e que o envelhecimento era moldado por fatores como gênero, status social e mudanças culturais. Essas descobertas ressoam com as preocupações atuais sobre a equidade e a inclusão no envelhecimento, destacando a necessidade de abordagens mais individualizadas e sensíveis às diferenças na pesquisa e na política pública relacionada ao envelhecimento.

Outro aspecto relevante é a contribuição da arqueologia do envelhecimento para a pesquisa contemporânea sobre saúde e cuidados para os idosos. Ao examinar os tratamentos funerários, padrões de sepultamento e indicadores de saúde em restos mortais, podemos obter informações valiosas sobre as práticas de cuidados de saúde e o impacto do envelhecimento na saúde nas sociedades antigas. Essas informações podem informar as práticas atuais de assistência aos idosos e a compreensão das doenças relacionadas à idade.

Além disso, a interdisciplinaridade é uma característica fundamental da arqueologia do envelhecimento. A colaboração entre arqueólogos, antropólogos, gerontologistas e outros especialistas pode levar a uma compreensão mais holística e abrangente do envelhecimento. Essa abordagem integrada é fundamental para a pesquisa contemporânea sobre envelhecimento, pois as questões relacionadas ao envelhecimento são complexas e multifacetadas. Ao unir diversas disciplinas, podemos criar estratégias mais eficazes para abordar os desafios do envelhecimento na sociedade atual.

A Arqueologia do Envelhecimento nos lembra que o envelhecimento é um processo que afeta não apenas indivíduos, mas também comunidades e sociedades como um todo. Isso implica que o envelhecimento deve ser abordado de maneira mais abrangente e sistêmica, considerando não apenas as necessidades individuais, mas também as implicações sociais, econômicas e culturais. A arqueologia fornece um contexto histórico para entender como as sociedades lidaram com o envelhecimento no passado e como essas experiências moldaram o presente.

Em resumo, a interpretação teórica das descobertas arqueológicas sobre o envelhecimento tem implicações significativas para nossa compreensão do envelhecimento hoje. Ela desafia estereótipos, promove a interdisciplinaridade e destaca a complexidade do envelhecimento como um fenômeno que transcende o indivíduo e afeta toda a sociedade. À medida que enfrentamos os desafios do envelhecimento em uma sociedade globalizada e diversificada, a arqueologia do envelhecimento se torna uma ferramenta valiosa para promover uma abordagem mais informada e inclusiva para a população idosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, as ciências arqueológicas oferecem várias abordagens e fontes de dados para entender o envelhecimento no passado, especialmente em períodos remotos como a Pré-história. Através da Osteoarqueologia, somos capazes de analisar as mudanças biológicas associadas ao envelhecimento, estimar idades à morte e identificar doenças relacionadas à senescência e à senilidade. Além disso, esses dados individuais podem ser usados para entender o envelhecimento de maneira longitudinal, comparando semelhanças e diferenças ao longo do tempo.

A abordagem da Paleodemografia nos permite analisar a distribuição etária das populações do passado, revelando informações sobre taxas de natalidade, mortalidade e expectativa de vida. Isso nos ajuda a entender como as sociedades antigas enfrentaram o envelhecimento

em relação a eventos históricos, migrações e mudanças culturais. A Arqueologia Funerária desempenha um papel crucial na compreensão das práticas mortuárias, identidades culturais e concepções de envelhecimento em sociedades passadas. Através da análise de marcadores identitários nos contextos funerários, é possível obter *insights* sobre como diferentes grupos lidaram com o envelhecimento, embora seja importante superar a tendência de agrupar indivíduos mais velhos com adultos sem considerar as complexidades do envelhecimento.

A Arqueologia do Corpo nos permite explorar o envelhecimento através das modificações corporais, representações imagéticas e expectativas sociais sobre a velhice. Através da análise de artefatos, vestimentas e representações de corpos envelhecidos, podemos compreender as atitudes e percepções das sociedades antigas em relação ao envelhecimento.

Em conjunto, essas abordagens proporcionam uma visão abrangente das experiências e complexidades do envelhecimento no passado, enriquecendo nossa compreensão da evolução das sociedades e culturas ao longo do tempo. No entanto, é fundamental que essas disciplinas continuem a aprimorar suas técnicas e abordagens, levando em consideração não apenas os dados biológicos, mas também as complexidades culturais e sociais associadas ao envelhecimento.

A Arqueologia do Envelhecimento é um campo em crescimento que se torna cada vez mais vital para uma compreensão abrangente das sociedades do passado. Ao desafiar estereótipos e ao buscar entender as complexidades do envelhecimento humano, os pesquisadores estão descobrindo informações valiosas sobre como as comunidades do passado encaravam e tratavam os indivíduos mais velhos. Embora a demora na adoção desse campo tenha sido em parte influenciada por problemas sociais contemporâneos e limitações metodológicas, ele está emergindo como uma área de estudo essencial.

Pesquisas recentes, como as de Cave, Oxenham, Appleby e outros, estão revelando que o envelhecimento não pode ser reduzido apenas a uma classificação etária, e a compreensão das mudanças culturais e de status é fundamental para uma análise completa. Portanto,

ao considerarmos os estudos de casos, a reclassificação de indivíduos mais velhos e o desenvolvimento de métodos mais precisos, fica evidente que a Arqueologia do Envelhecimento não apenas amplia nosso conhecimento arqueológico, mas também enriquece nossas discussões teóricas e contribui para uma representação mais completa e inclusiva das experiências humanas ao longo do tempo.

Em última análise, a Arqueologia do Envelhecimento nos lembra que o envelhecimento é um processo que afeta não apenas indivíduos, mas também comunidades e sociedades como um todo. Portanto, devemos abordar o envelhecimento de maneira abrangente e sistêmica, levando em consideração não apenas as necessidades individuais, mas também as implicações sociais, econômicas e culturais. A arqueologia fornece um contexto histórico importante para entender como as sociedades enfrentaram o envelhecimento no passado e como essas experiências moldaram o presente. À medida que enfrentamos os desafios do envelhecimento em uma sociedade globalizada e diversificada, a arqueologia do envelhecimento emerge como uma ferramenta valiosa para promover uma abordagem mais informada e inclusiva em relação à população idosa.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Soraya Martins de. Quando os pescadores envelhecem: identidade e idade avançada entre os construtores do sambaqui Mar Virado, no litoral paulista. In: **Cadernos do Lepaarq**, v. XVI, n.32., p. 180-193, Jul-Dez. 2019

APPLEBY, J.E.P. Why we need an archaeology of old age, and a suggested approach. **Norwegian Archaeological Review**, 43 (2) : 145–68. 2010.

APPLEBY, J.E.P. Bodies, burials and ageing: accessing the temporality of old age in prehistoric societies. **Oxford Journal of Archaeology**, 30 (3) : 231–46, 2011.

APPLEBY, J. Ageing and the Body in Archaeology. **Cambridge Archaeological Journal**, 28 (01) : 145–163, 2017

ARKING, R. **Biologia do Envelhecimento: observações e princípios**. Tradução Iulo Feliciano Afonso – Ribeirão Preto, SP : FUNPEC – Editora, 2008.

BARRET, J. C. **Fragments from Antiquity. An Archaeology of Social Life in Britain**, 2900- 1200 BC. Blackwell, Oxford, 1994.

BAUMAN, Zigmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2008.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Nova Fronteira, 2018.

BINFORD, L. R. Mortuary practices: their study and their potential. *In*: BROWN, J. A. (Ed.). Approaches to the social dimensions of mortuary practices. **Memoirs of the American Archaeology Society**, (25), 6-29. 1971.

BOCQUET-APPEL, J.; MASSET, C. Farewell to Paleodemography. **Journal of Human Evolution**. 11 : 321-333, 1982.

BOLDSEN, J. L.; MILNER, G. R.; KONISBERG, L. W.; WOOD, J. W. Transition analysis: a new method for estimating age from skeletons. *In*: Hoppa RD, Vaupel J, editors. **Paleodemography: age distributions from skeletal samples**. Cambridge: Cambridge University Press; p. 73 – 106, 2002.

CASTRO, V. M. C. Sítio Furna do Estrago, PE: Práticas Funerárias e Marcadores de Identidade Coletiva. **Clio Arqueológica** 33 (2) : 330-371, 2018.

CAVE C, OXENHAM M. Identification of the archaeological 'invisible elderly': An approach illustrated with an Anglo-Saxon example. **International Journal of Osteoarchaeology**, 2014.

CAVE C, OXENHAM M. Sex and the elderly: Attitudes to long-lived women and men in early Anglo-Saxon England. **Journal of Anthropological Archaeology**, 48 : 207–216, 2017.

DE MORAES, Edgar Nunes; MARINO, M. C.; SANTOS, Rodrigo Ribeiro. Principais síndromes geriátricas. **Rev Med Minas Gerais**, v. 20, n. 1, p. 54-6, 2010.

DONNAN, C. B; S.G. Moche textiles from Pacatnamu, in The Pacatmanu Papers. Volume 2: Moche occupation, eds. C.B. Donnan & G.A. Cock. Los Angeles (CA): **Museum of Cultural History**, 215–42, 1997.

FAHLANDER, F. Intersecting generations: burying the old in a Neolithic hunter-fisher community. **Cambridge Archaeological Journal**, 23 (2) : 227–39, 2013

FALYS, C. G.; LEWIS, M. E. Proposing a Way Forward: a review of standardisation in the use of age categories and ageing techniques in Osteological Analyses (2004-2009). **International Journal of Osteoarchaeology**, 21 : 704-716, 2011.

GOWLAND, R. Elder abuse: evaluating the potentials and problems of diagnosis in the archaeological record. **International Journal of Osteoarchaeology**, 26 (3) : 514–23, 2015.

GOWLAND, R.; THOMPSON, T. **Human Identity and Identification**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

HAURY, E.W. Hohokam, **Desert farmers & craftsmen: excavations at Snaketown**, 1964– 1965. Tucson (AZ): *University of Arizona Press*, 1976.

LERY, Jean de. **Viagem à terra do Brasil**. Tradução e notas de Sérgio Milliet. Belo Horizonte : Ed. Itatiaia. São Paulo : Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.

LICÓN, E.G; MORFÍN, L. M.; ALENCAR, S. M. Los adultos mayores em Monte Albán, Oaxaca, durante el Clásico. **Revista de Ciencias Antropológicas**, 17, enero-abril, 51-83, 2018,

MASTROROSA, Raquel Roldan. **Arqueologia do envelhecimento nas perspectivas identitária e biológica: estudo de caso do Sítio Furna do Estrago, Pernambuco, Brasil**. 2021. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

MASTROROSA, R. R. Por uma arqueologia dos envelhecidos: Aspectos Teóricos do Envelhecimento Humano. **Clio Arqueológica** 2022, V37 N1, p.168-210

MASTROROSA, R. R.; SILVA, S. F. S. M. A velhice nos espaços discursivos da etno- história In: **Entre Campos da História: ensino e pesquisa sobre história indígena e do indigenismo**. 1 ed. Teresina: Cancioneiro, 2022, v.1, p. 251-273.

MESKELL, L. The somatization of archaeology: Institutions, discourses, corporeality. **Norwegian Archaeological Review**, 29(1), 1–16, 1996.

MIGNON, Molly Raymond. **Dictionary of Concepts in Archaeology**. London: Greenwood Press, p. 204-209, 1993.

MINOIS, G. **Histoire de la vieillesse: De l'Antiquité à la renaissance**. Paris: Fayard, 1987.

RENFREW, C.; BAHN, P. **Archaeology: Theories, Methods and Practice**. Seventh Edition. London : Thames & Hudson, 2017.

SHANKS, M.; TILLEY, C. **Social Theory and Archaeology**. Cambridge: Polity Press, 1987.

SILVA, Sérgio F. S. M. da. **Arqueologia Funerária: Corpo, Cultura e Sociedade, ensaios sobre a interdisciplinaridade arqueológica nos estudos das práticas mortuárias**. Recife : PROEXT-UFPE e Ed. Universitária da UFPE, 2014.

SOFAER, J. R. **The Body as Material Culture: A theoretical osteoarchaeology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

WELINDER, S. The archaeology of old age. **Current Swedish Archaeology** ,9 : 163–78, 2001.